

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Graduação em Bacharelado em Pintura

Maíra Coelho Trindade

O Doloroso Ofício de ser Sensível

Rio de Janeiro – RJ

2016

Maíra Coelho Trindade

DRE110110777

Doloroso Ofício de ser Sensível

Trabalho de Curso submetido à
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Pintura. Sob a orientação do
Professor Júlio Ferreira Sekiguchi.

Rio de Janeiro-Rj

2016

O Doloroso Ofício de ser Sensível

Maira Coelho Trindade

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Letras e Artes


Escola de Belas Artes

Projeto final para o curso de Bacharelado em pintura

Aprovada em 21/11/2016

Contu AD

Banca examinadora:



Professor Júlio Ferreira Sekiguchi (Orientador)

Doutor

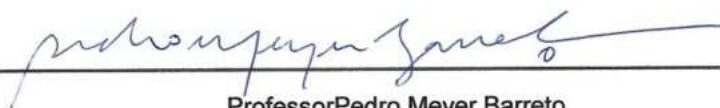
EBA/UFRJ



Professora Maria de Lourdes Barreto Santos Filha

Mestra

EBA/UFRJ



Professor Pedro Meyer Barreto

Doutor

EBA/UFRJ

Conceito Final:

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram, diretamente ou indiretamente, no decorrer desta pesquisa, em especial:

Meu querido Professor Júlio Sekiguchi, quem aceitou essa difícil missão que foi me orientar sempre me mostrando novos caminhos na pintura e fazendo com que me esforçasse cada vez mais para ser uma artista melhor.

Aos meus Pais, que me deram apoio na minha escolha de carreira, compreensão nos momentos de instabilidade emocional e amor e dedicação a minha vida inteira.

A Nayara, que me ajudou nesse trabalho de diversas maneiras, sendo fornecendo material de pesquisa ou como ombro amigo em momentos de crise.

Aos meus amigos, colegas de profissão, pelo companheirismo e pela disponibilidade para me auxiliarem em vários momentos.

Resumo:

Projeto de pintura focado na semântica e na retratação, através de associações simbólicas particulares, o estado sentimental e psicológico de uma sensibilidade que transita entre a apatia e uma intensidade emotiva, dois extremos que ao mesmo tempo estão juntos no pequeno espaço da linha que divide o aceito normal da instabilidade mental, e como essa “fronteira” é variável e tênue.

Palavras chave: Pintura; sensibilidade; depressão; ansiedade.

Índice:

- Introdução	8
- Desenvolvimento da pesquisa	10
- Análise e processos da pintura	14
- Conclusão	36
- Bibliografia	37

Para meu projeto final resolvi dar continuidade a pesquisa que iniciei na Pintura IV com o professor Júlio Sekiguchi, que falava sobre a transição entre a estabilidade e a instabilidade mental. No início a pesquisa se desenvolveu vaga, por ser vasto os caminhos em que poderia seguir o que impedia a tradução de maneira artística, então tentei reduzir a temática começando a estudar textos de psiquiatria para compreender melhor transtornos mentais. Após a pesquisa pude entender que o ponto em que queria chegar até então era sobre transtornos de personalidade, onde meu interesse havia se tornado maior na época devido a descoberta de que eu tive uma bisavó com transtorno bipolar, também me interessava o fato de como poderiam se manifestar através de ações externas ao indivíduo, principalmente se o indivíduo possuísse predisposição genética, e como não há um limite definido entre uma personalidade dita normal para uma dita anormal e que a base da minha poética é a tradução através da pintura dessa transição entre sanidade e insanidade.

Com o objetivo já traçado comecei o processo de concretizar o projeto que se deu por associação de palavras soltas, frases e sensações tendo como ponto de partida uma citação de Fernando Pessoa que para mim era uma síntese do sentimento que queria traduzir;

“Entre mim e a vida há um vidro ténue. por mais nitidamente que eu veja e compreenda a vida, eu não lhe posso tocar.”

Reli e revi livros e filmes que possuíam personagens desequilibrados mentalmente, que além da citação de Fernando Pessoa, me parecia resumir a poética que queria investigar. As principais destas referências foi o filme *Garota, Interrompida* inspirado no livro homônimo e autobiográfico de Susanna Kaysen, que foi deixado como referência em segundo plano enquanto eu procurava o livro, e *Ofélia*, a personagem da peça *Hamlet* de Shakespeare, virou minha referência principal, por ter enlouquecido gradativamente durante a peça e acabando por fim a cometer suicídio afogando-se em um rio usando grinalda de flores, o que mais uma vez me fez lembrar a minha bisavó, pois ela também cometeu suicídio por afogamento.

Com isso, cheguei a conclusão que deveria retratar a mente através dessa estética, em que o estado de inércia mental seria retratado por meio de um corpo feminino dorminte submerso para mostrar o início do processo de perda de referencial da realidade, isolando-a em um mundo a parte de baixo d'água e o início da transição se daria conforme a representação de uma maior inquietação na figura, saindo de seu estado de inércia, e aos poucos emergindo da água. A saída da água, porém não seria uma saída do estado mental reclusa pra o mundo real, mas sim uma metáfora para o despertar da confusão mental, oscilação de humor, alucinações e por consequência, sofrimento. No decorrer dessa transição haveria mudanças no jeito de elaborar a composição, se tornaria mais solta e menos formal, com quebras de continuidade na forma.

Entretanto com o desenvolvimento das pinturas percebi que a ideia da continuidade ser mostrada gradativamente através do conjunto final das telas era limitadora, por fazê-las perderem o sentido quando separadas. A temática também possuía problemas, era de mais impessoal e fria como os textos médicos, fazendo com que as pinturas pareciam esconder dentro de si todas as questões que eu gostaria que fossem transmitidas. Os trabalhos não possuíam potencial de dialogar com o expectador, como pode ser observado no exemplo abaixo na pintura “aquática”.



Aquática

Óleo e spray sobre tela

Então, depois de mais algumas telas decepcionantes, mudei o caminho a seguir minha pesquisa, ao invés de me limitar aos os textos médicos sobre distúrbios comportamentais e diagnósticos específicos, decidi ler meus próprios textos, que eram pequenos pensamentos, poemas e frases soltas que escrevi em momentos de extrema fragilidade, com o intuito de dar mais veracidade e profundidade a pintura, e um desses pequenos textos me chamou a atenção;

“afogado no vazio

O doloroso ofício de ser sensível

É mergulhar no abismo

Mar sem fim”

E assim “O doloroso ofício de ser sensível” passou a ser o título da pesquisa, pois dava a veracidade que queria nela, eu deveria falar sobre o que eu sei, sobre minhas experiências no mundo, e então enfim fechei minha pesquisa como sendo sobre a sensibilidade, o sentir de maneiras diferentes, um retorno proporcional ou desproporcional aos estímulos do exterior.

Fiz uma nova busca por material, busquei em mim reações e sentimentos, procurei mais diários e poemas que escrevi , estudei ainda mais outros artistas como Klimt, Alexandra Levasseur e Rena Machado. Observei seus estilos, técnicas, composições e paletas e assim investigando e descobrindo minha própria identidade visual. A primeira pintura a partir dessa pesquisa foi “Dor” e para mim se mostrou completamente diferente das anteriores, e me fez sentir que finalmente comecei a

coniliar o conceito ao trabalho, onde alcancei um caminho estético para desenvolver, mesmo que ainda contido nas experimentações das cores, dos materiais e da linguagem.



Dor

Óleo e pastel oleoso sobre tela

Depois de “Dor” passei a escrever mais, e tentava traduzir esses textos diretamente para uma tela, mas traduzir de maneira tão literal a dor de outro momento para uma expressão do agora se tornou uma dificuldade, eu precisava vivenciar essa tempestade emocional novamente para que a pintura se tornasse menos “engessada”.

Comecei alguns experimentos para tentar voltar a essa fragilidade problematizando os próprios textos antigos, escrevendo novos e tentando ser menos tímida na pintura, e até escrevendo nelas. O que funcionou de maneira moderada, sentia que a pintura caminhava, mas ainda não era o resultado final que me satisfazia, apesar de uma evidente evolução comparando com os primeiros trabalhos. Fui me aprofundando ainda mais nas minhas questões para conseguir entrar no estado metal que desejava, e para isso comecei a ir a sessões de psicoterapia, e me confrontar com minhas questões, com aquelas que eu conhecia e com as que desconhecia, e me dediquei com afinco em me fragilizar, para poder mergulhar por completo na pesquisa. Mas não fiz muito mais pinturas no primeiro semestre de 2014, em que deveria me dedicar ao projeto final, a terapia me fazia sentir minhas questões de maneira negativa e improdutiva, sentia que a abordagem da minha psicóloga era superficial de mais e não cumpriam minhas expectativas para traduzir minha fragilidade na pintura, então abandonei as sessões.

Sem acompanhamento profissional necessário, aprofundei as feridas superficiais que foram abertas com a terapia, e deixei que fluíssem sem filtro para as telas e enfim, por um preço alto, consegui me dedicar integralmente aos trabalhos e a pesquisa, e me permiti a maiores experimentações, tanto na pintura, com novos materiais, plasticidade e cores, quanto a maneiras de me aprofundar em um estado mental instável. Nesse meio tempo consegui achar o livro *Garota, Interrompida* que foi inspiração para o filme que eu utilizava como referência, a leitura desse livro foi como um divisor de águas para mim, de maneira pessoal, e para a pesquisa, não só pelo tema ser parecido com o que eu queria representar na minha pintura, mas também por me identificar bastante com a linguagem e simbologia adotada pela autora, principalmente uma das primeiras passagens do livro;

“Contudo, a maioria das pessoas chega aqui aos poucos, abrindo de furo em furo a membrana que separa o aqui [instituição mental] do lá fora, até aparecer uma brecha. E quem resiste a uma brecha?”

No universo paralelo, ficam revogadas as leis da Física.

Nem sempre o que sobe desce; um corpo em repouso não tende a permanecer assim e nada garante que a toda ação corresponderá uma reação igual e contrária. O próprio tempo é outro. Pode correr em círculos, refluir, saltar ao léu de hoje para ontem. Até a disposição das moléculas é fluida. Uma mesa talvez seja um relógio; um rosto pode ser uma flor.”.

Nessa época passei a produzir mais em casa, dei mais autonomia aos fundos deixando -os mais gestuais por meio de escorridos e manchas com tinta acrílica bem aguada, utilizando o pensamento de aquarela, e fazendo- os mais integrados aos quadros por deixar grandes partes aparente, tendo lugar importante na composição, o uso da linha através do pastel oleoso se tornou mais intensa assim como a utilização da tinta a óleo mais diluída e transparente. Algumas telas eram traduções diretas dos meus textos, como "flor da pele" que fala sobre automutilação, outras eram um apanhado de imagens que eu escolhia na hora de algum momento de crise emocional, sendo o texto criado no final do processo da tela.

Com o retorno as aulas, no segundo semestre de 2014, comecei a fazer telas maiores deixando mais o gestual aparecer e usando ainda mais a linha, mancha marcadas, escorrido e materiais diversos, meus últimos trabalhos foram os que me deixaram mais satisfeita, me fizeram sentir que finalmente consegui falar sobre a sensibilidade através deles fazendo a escrita não ser mais tão necessária para o entendimento da tela, porém continuava a escrever. Contudo, ainda que estivesse satisfeita e focada na pintura, minha autoindução para esse estado mental frágil tinha ido longe de mais, meu emocional estava mais instável do que eu poderia aguentar, quebrado, até que ao meio do segundo semestre perdi o foco mais uma vez nas pinturas, e por crises de pânico e depressão acabei abandonando o final do semestre e o projeto, me afundando na inercia que a principio era minha temática, passei muitos meses assim, absorvida em minha tempestade interna, sem produzir um único rascunho. Então, finalmente criei coragem para pedir ajuda, e comecei um

novo tratamento de psicoterapia, de abordagem diferente a anterior, e tratamento psiquiátrico, e aos poucos vou voltando para o desenho, mas ainda com uma única tela nessa temática pintada durante esse período de abandono do projeto.

Análise e processos da pintura:

- Dor



Óleo e pastel oleoso sobre tela

34,5 x 43,5 cm

Sobre um fundo preto, a pintura foi construída a partir de uma composição que quebra a linearidade temporal da narrativa mostrando duas visões do mesmo momento, a relação cromática entre quentes e frios e complementares confere a atmosfera de dualidade sentimental que gostaria que estivesse presente na

pesquisa. Neste primeiro momento a tinta a óleo é utilizada na macha, tanto bem diluída ou não, e o pastel oleoso é usado apenas como marcação e para elementos lineares.

- Vazio



Óleo e pastel oleoso sobre tela

105x84 cm

Seguindo o mesmo pensamento de “Dor”, em “Vazio” podemos observar uma maior exploração da linearidade, ainda por meio do pastel oleoso, assim como

maiores momentos em que o fundo respira, este que não é uniforme possuindo mais de uma camada com a tinta trabalhada diluída e com escorridos para atribuir mais textura a tela.

Também pode ser observada a primeira utilização da escrita, através da frase:

“Vazio preenchido de solidão e lágrimas”

- Doloroso Ofício



Óleo e pastel oleoso sobre tela

152x95 cm

Neste trabalho o fundo possui mais dinamismo, através de manchas diluídas de cores diferentes, existe também a escrita feita de forma solta e em maior quantidade. A paleta desta pintura é mais ampla que as anteriores, o óleo é utilizado bem diluído e o pastel oleoso passa a ter alguns momentos sendo aplicado como mancha.

- Abismo e Tempestade



Óleo e pastel oleoso sobre tela

80,5X 56 cm

Nesta pintura tentei conciliar as duas maneiras que pintei “Dor” e “Doloroso ofício” procurando manter em alguns momentos a tinta diluída com o fundo azul da Prússia respirando e em outros o uso da com mais solida.

- Flor da Pele



Acrílica, óleo e pastel oleoso sobre tela.

80x50 cm

“Flor da pele” foi uma das pinturas que fiz em casa, e a que mais tinha experimentado até então. A marcação foi feita com pastel oleoso direto na tela, antes da camada de cor do fundo feito com acrílica, tingindo apenas as partes onde não tinha o pastel, pois o óleo repelia a acrílica.

Após o fundo seco comecei a pintar com o óleo, misturado com Oil gel médium, que alterava menos a marcação de pastel oleoso que o solvente



Processo

Essa pintura foi baseada em um dos meus poemas, que fala sobre automutilação.

“sangrando flores pela pele, abrindo espaço para dor passar

Flores carmim desabrochando, sentindo

A flor da pele, sentindo

A flor da pele,

Flores carmim desabrochando

Pétalas suaves descem deslizando até a ponta dos dedos

Levando com elas a dor abafada

Que se escondia sob a pele”

- Feche os olhos



Pastel oleoso e óleo sobre tela

80X40,5 cm

Essa pintura foi mais uma das que fiz em casa, o fundo foi feito com tinta acrílica, cola, e pó xadrez.



Processo

O fundo possui mais cores e maior força na composição, e o uso do pastel oleoso passou a ser com manchas em mais momentos.

- Tela de Estudo

A fim de experimentar novos materiais e processos sem ter o peso de “estragar” uma pintura utilizei uma pequena tela pronta.



Para o fundo utilizei tinta acrílica azul da Prússia e carmim bem diluídas. E uma mistura que foi espalhada com espátula de pasta metálica bronze e tinta a óleo metálica ouro.



Antes que a parte oleosa do fundo secasse por completo escolhi e pintei, sem um motivo específico uma imagem com a tinta óleo diluída usada com o raciocínio de aquarela, e esperei a tinta secar um pouco.

Porem, antes que secasse por completo, fiz uma mistura bem diluída de um neutro azulado e passei com uma trincha macia sobre a tela, deixando a tinta se misturar e escorrer.



O visual final me agradou e depois usei muitos dos pensamentos desse estudo nas outras pinturas que faria.

Como por exemplo, o autorretrato a seguir.

- Autorretrato em dourado



Pastel oleoso, óleo e pasta metálica sobre tela.

81,5 x 95 cm

A pintura a cima foi um resgate de uma tela antiga em que eu achava que a figura estava ruim e o fundo bom, decidi fazer uma nova figura por cima da antiga, então pensei no que poderia ser, resolvi que deveria ser um autorretrato, pois como é uma pesquisa muito autobiográfica, deveria possuir pelo menos um, e como eu me portava com esse problema sobre a sensibilidade, logo, me fiz encarando o expectador, um pouco rígida, porem ainda com a imagem se esvaindo em alguns momentos e se confundindo com o fundo, a rigidez e o olhar para fora da pintura seria para representar uma tentativa de se manter inabalável com as influencias

externas, como uma armadura ou máscara, o fundo, mais fluido e integrado serviria para mostrar o conflito interno que estava sendo ignorado.

Este foi um dos trabalhos em que mais demorei, e que senti mais dificuldade em terminar, quase um mês para ficar pronto.

- Peso



Acrílica, pasta metálica, óleo, pastel oleoso e verniz acrílico sobre tela.

63,5 x 92 cm

Logo após o autorretrato eu fiz esta pintura, uma das mais rápidas da pesquisa feitas em dois dias praticamente. “Peso” possui um trabalho grande de camadas transparentes de tinta no fundo, junto com a pasta metálica bronze e o verniz acrílico, que deveria ser um verniz que fizesse a tinta acrílica que estivesse por baixo craquelar, que por algum motivo não funcionou, então foi utilizado para dar um brilho molhado em partes da pintura. O pastel oleoso fica mais evidente em pequenos momentos apenas, o óleo foi mais utilizado, tanto diluído, como encorpado e no uso mais gráfico com as linhas.

- Ausente

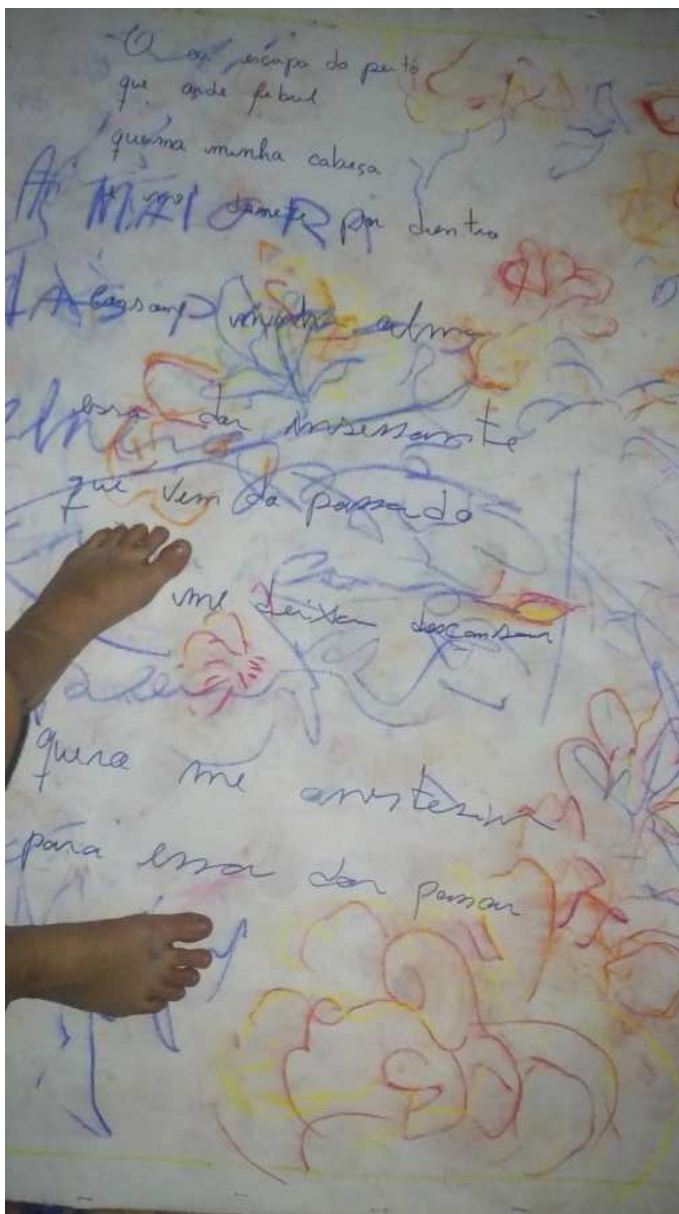


Acrílica, alquídica, óleo, pastel oleoso e cola de glitter.

94 x 94 cm

“Ausente” foi o último trabalho que fiz antes de a depressão ficar mais profunda e as crises de ansiedade não me deixarem sair de casa, é feito em sua maior parte com o pastel oleoso, nas linhas e nas manchas, algumas pequenas partes foram usadas a tinta óleo, como nas andorinhas de maneira mais evidente, e mais suave na figura humana misturada com o oil gel médium para dar mais transparências sem que a tinta escorresse.

Depois de um longo período sem pintar dentro da temática, após uma viagem rica em novas referências, produzi um novo autorretrato, com mais tentativas de trabalhar em camadas, mesmo que ao desenrolar do trabalho muitas delas se perderam.



Processo 1



Processo 2



Processo 3

(estudo com intervenção digital)



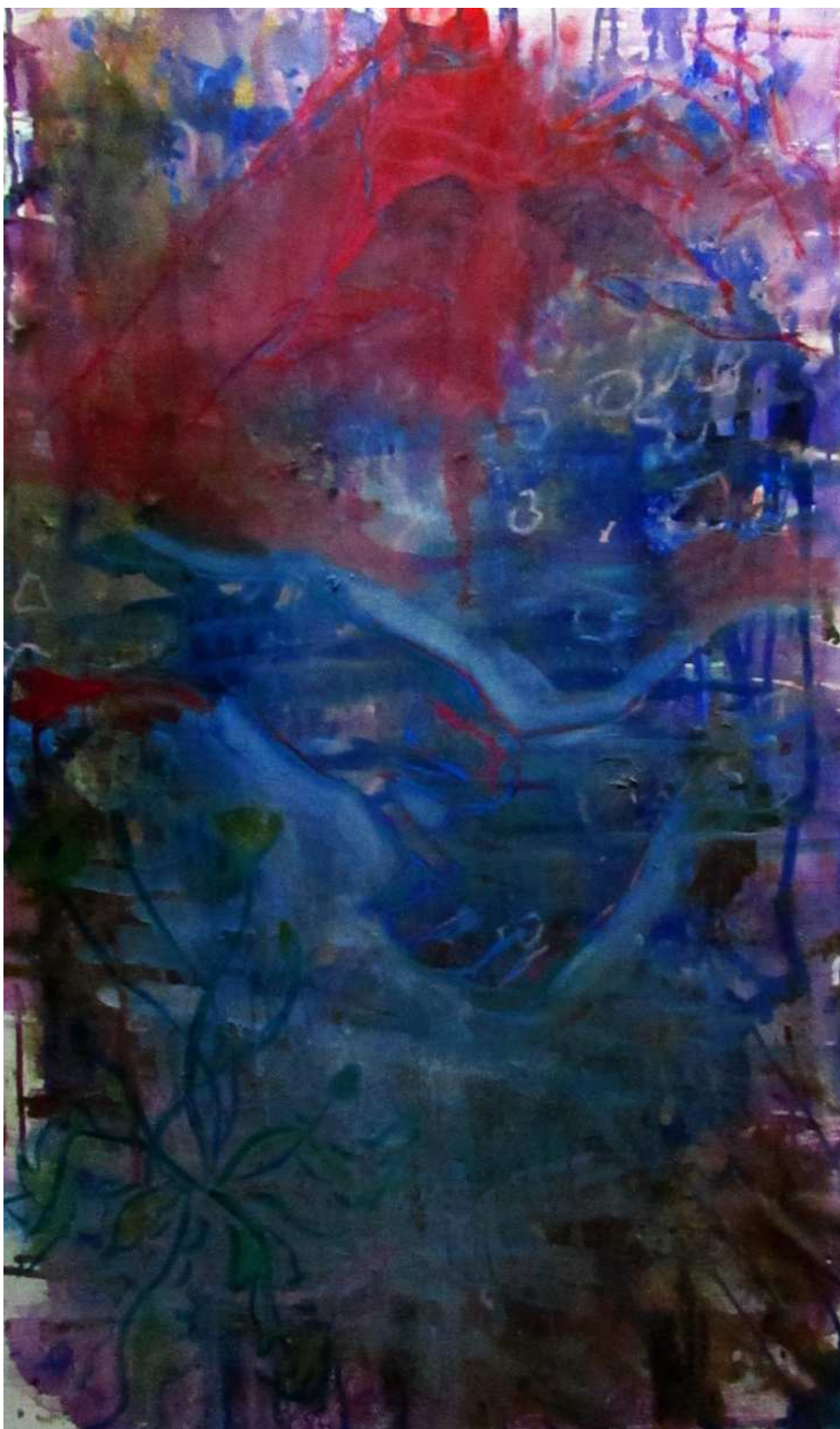
Produto final

Após esse trabalho fui convidada a fazer uma exposição individual na fundação arte de Niterói, sob a curadoria de Desireé Monjardim, produzi mais três trabalhos em um mês, sendo um deles um díptico.



Acrílica, óleo, pastel oleoso e carvão.

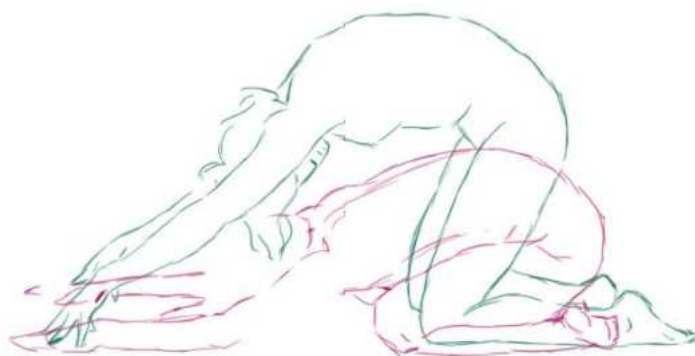
109x64cm



Acrílica, tinta spray, óleo, pastel oleoso e pasta metálica.

85x56cm

Meu ultimo trabalho, e também meu favorito até então, o díptico Ausente/recorrente possui grande quantidades de estudos digitais.



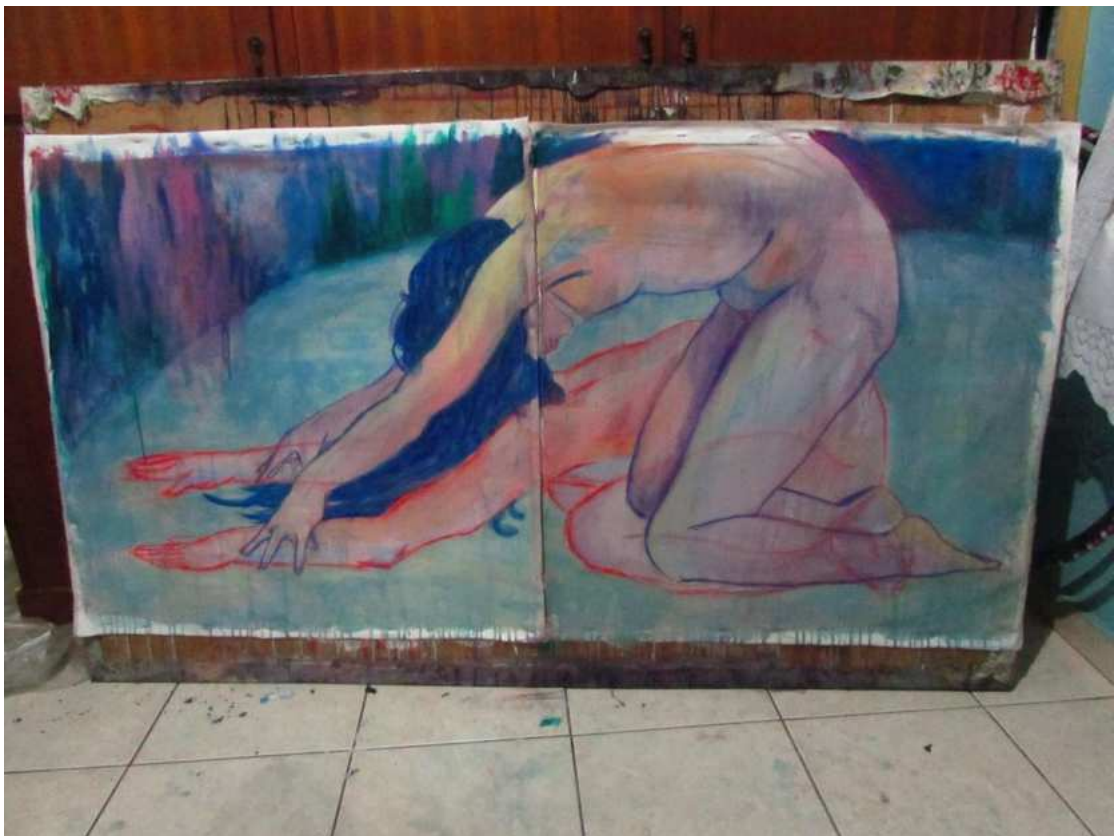
Estudo da forma



Estudo digital com cores



Processo 1



Processo 2



Maira Coelho

Ausente/recorrente

64,5x 129 cm

Acrílica, óleo, pastel seco e oleoso.

Conclusão

Pretendo continuar a me aprofundar nessa pesquisa sobre a sensibilidade que começou como um olhar distante sobre o desequilíbrio mental e acabou sendo, quase que por completo, um estudo autobiográfico sobre questões quanto a sensibilidade e a fragilidade emocional. Porém desta vez reconhecendo e respeitando minhas necessidades de pausa para trabalhar nesse assunto, assim como também mantendo outros trabalhos em paralelo, com outras técnicas, as que tenho feito no momento são aquarela, nanquim e xilogravura, tenho utilizado esses momentos de respiro da pintura óleo como momentos para estudos, tanto de técnicas, como relações tonais e composição, que podem ser usadas quando retornar ao doloroso ofício.

Essa experiência, foi muito além de um projeto de conclusão de curso, creio que me fez uma artista melhor, com maior autoridade e consciência sobre o meu trabalho, mudando completamente a minha vida com essa experiência, me fazendo reconhecer que precisava de amparo psicológico e psiquiátrico que sempre me neguei sendo controlador com minhas emoções, o que acabava refletindo em uma maneira controladora na pintura, que com toda essa experiência da pesquisa fui, aos poucos, me permitindo a afrouxar as amarras que eu me em punha.

Bibliografia:

KAYSEN, Susana - **Garota, Interrompida**; tradução de Márcia Serra. São Paulo: Editora Gente, 2013.

SHAKESPEARE, William – **Hamlet**; tradução de Millôr Fernandes. São Paulo: Editora L&PM, 1997.

SCHULTZ, Duane e P. SCHULTZ, Sydney E. – **Teorias da Personalidade**; 2ª Edição. São Paulo: Cengage Learning, 2011, capítulo 2.